

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Bahia Class.: 99

Data: 18/01/81 Pg.: \_\_\_\_\_

### PONTO DE VISTA

1910

### Lideranças autênticas

**G**ustave le Bon, pioneiro dos estudos sobre a psicologia das multidões; já observava que não existem líderes, existem liderados. Com isso queria ele significar que a ninguém é concedida a graça de influir nos destinos da coletividade, ou mesmo em alguns dos seus setores, sem a aquiescência desses setores, sem o aval dessa coletividade. Melhor traduzindo o pensamento do mestre: o líder surge no exato instante em que a sociedade reclama a sua presença. Ou seja, quando as circunstâncias históricas impelem a sociedade a clamar por um guia.

Nos tempos bíblicos, foi assim que o patriarca Moisés, por exemplo, tornou-se o guia incontestado do povo judeu. Cristo surgiu no exato instante em que a humanidade precisava de uma mensagem que transcendesse às promessas simplesmente humanas. Depois de Cristo, numa cavalgada pela História, da antiga à moderna, da arcaica à contemporânea, tem sido comprovado que os líderes não brotam por geração espontânea, mas sim quando as contingências exigem a sua participação.

\*\*\*

Muito louvado por sua inventiva, pelo poder de improvisação, pela criatividade, o povo brasileiro padece, contudo, de terríveis lapsos de memória. Frequentemente deixa-se envolver pelas promessas enganosas de falsos profetas e com docilidade é capaz de seguir o rastro de qualquer contraventor ideológico. Pior ainda é quando se propõe a aceitar, sem mugir nem tugar, a liderança pré-fabricada de figuras destituídas de méritos próprios para impor-se naturalmente à admiração pública.

Ainda recentemente, presenciamos à súbita escalada de um cacique transistorizado, cujo deslumbramento com a civilização sempre contrastou, de forma contundente, com as críticas

que ele lhe fazia. Referimo-nos, obviamente, ao xavante Mário Juruna, que de gravador a tiracolo se propôs a documentar todas as humanas falhas dos civilizados, sobretudo das autoridades, e acabou gravando, ele próprio, por um cachê razoável, o jingle televisivo de uma panacéia que há de cobrir de vergonha, pelos séculos afora, seus honrados companheiros de tribo, incapazes de imaginar sequer que a ciência do curandeirismo dos velhos pagés poderia ser utilizado não apenas para curar os males do corpo, mas para financiar passeios pelo asfalto do Sul Maravilha.

\*\*\*

Há uma larga diferença entre um morubixaba de brinquedo e um cacique de verdade. É o que demonstrou recentemente, em artigo publicado na imprensa diária do Rio de Janeiro, o escritor Adonias Filho: entre o xavante Juruna, aculturado, folclorizado pelas esquerdas levianas e ridicularizado pelo rolo compressor da publicidade de TV, e o cacique pataxó Turuim — que, aliás, não foi convidado a participar sequer do Tribunal Bertrand Russell, em Roterdã — há uma larga diferença de princípios, de convicções, de ideais.

Os pataxós, segundo seu líder autêntico Turuim, não estão interessados em competir com João Soares ou Chacrinha na televisão. E muito menos em servir de cobaias a grupos radicais que vivem de hostilizar o Governo. Os pataxós depõem a favor da Fundação Nacional do Índio, ao reconhecer que suas reservas foram demarcadas e ampliadas. Enquanto os xavantes, a julgar pelos passeios intermináveis de Juruna, parecem andar — como se diz agora — em busca de novos "espaços", não para trabalhar a terra, mas para divertir-se nas metrópoles como atração turística ou como garotos-propaganda.